

# svd Ao Encontro

Missionários do Verbo Divino Lisboa

**Ano Sacerdotal**

**tempo para Deus**

**tempo para os Irmãos**

# Ficha técnica

Svd Ao Encontro

Uma publicação do  
Seminário Missionário do  
Verbo Divino de Lisboa

Director

Pe. David Sampaio Barbosa

Redacção, design & paginação  
César Francisco da Silva

Colaboram neste número

José Antunes da Silva, Clément Kilabi,  
Sara Miguéns, Américo Meneses Ri-  
beiro, Lucinda Antunes, Rafael Gomes,  
Margarida Campos.

Impressão

Escrito - Gráfica  
R. Catarina Eufémia, nº 12 E  
Cova da Piedade  
Tel. 212732351

Propriedade

Provincia Portuguesa da  
Congregação do Verbo Divino  
R. S. Tomás de Aquino, nº 15  
1600-203, Lisboa

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

600 exemplares

Depósito legal

53215/92

ICS

115972

Contacto

Tel. 217220200

Fax. 217220209

[svdaoencontro@yahoo.com](mailto:svdaoencontro@yahoo.com)

Membro

Associação de Imprensa  
de Inspiração Cristã



**3 Nota Editorial**



**4 Poder performativo da Palavra**



**5 Identidade do ministério ordenado**



**6 Palavras do Santo Padre**



**7 Silêncio de Deus - estranheza do Mundo**



**8 Anunciar e Celebrar**



**9 Onde Moras**



**10 Poema**



**11 Um encontro**



**12 Sínodo dos bispos para África**



## NOTA EDITORIAL

Circunstâncias várias motivaram o atraso deste número da revista SVD Ao Encontro que acabais de receber. A mudança de alguns seminaristas e a ordenação de outros obrigou à recomposição de tarefas e afazeres entre os membros agora presentes na casa. Prometemos em pouco tempo regressar ao ritmo normal a que já vos tínhamos habituado.

Do lado de cá o entusiasmo é grande; estou certo que iremos responder às vossas legítimas expectativas. Continuamos a poder contar com a vossa proximidade, interesse e generosidade. A leitura do que publicamos é a maior alegria que nos podeis proporcionar.

A temática que para este número foi escolhida incide sobre o Ano Sacerdotal. Em boa hora, o Santo Padre abriu este ano de graça, aproveitando a data dos 150 anos do falecimento de São João Maria

Vianney, mais conhecido pelo Santo Cura d'Ars. O sacerdócio que esse Santo viveu e praticou interpela-nos e nos estimula para vivermos o nosso sacerdócio de baptizados e ordenados à imagem de Jesus Cristo.

O conjunto de artigos que compõem a revista, partindo de diferentes perspectivas, acentua o sacerdócio como um dom oferecido por Deus à sua Igreja. Assumir de forma renovada o dom sacerdotal e colocá-lo ao serviço de Deus e dos irmãos será horizonte benéfico de quem, a partir do sacramento do baptismo e da ordem, se lança todos os dias a fazer da sua vida uma oblação a Deus e aos irmãos. Nesse sentido, tantos gestos e atitudes poderão fazer surgir um tempo novo, onde a proximidade de Deus com os homens seja uma boa notícia, celebrada e vivida.

Pe. David Sampaio Barbosa

## MINISTROS ORDENADOS

# Poder Performativo da Palavra

As palavras servem para muitas coisas, por exemplo, narrar acontecimentos, descrever objectos e traduzir sentimentos. Mas as palavras têm também uma função performativa, tendo capacidade para transformar a realidade.

Os livros de aconselhamento e técnicas de auto-ajuda, hoje muito em voga, sublinham o poder criativo das palavras. Por exemplo, o protagonista do livro *O Monge que vendeu o seu Ferrari* insiste com o seu discípulo: «Lembra-te de que as palavras nos influenciam muitíssimo. As palavras são a encarnação verbal do poder. Se encheres a tua mente com palavras de esperança, sentirás esperança. Se encheres a tua mente com palavras de bondade, tornar-te-ás bom».

As palavras podem curar e magoar, ferir e libertar, matar e perdoar. Contudo, nós não precisávamos da literatura *new age*, actualmente na moda, para saber que as palavras são eficazes. Há muitos séculos que a Bíblia é testemunha singular do poder da palavra. Entre todas as palavras, destaca-se a Palavra de Deus, eficaz (Hb 4,12), criadora (Jo 1,3) e poderosa (Rm 1,16). A Sagrada Escritura regista o poder transformador das palavras de Jesus. O mar obedece à sua voz (Mc 4,39-41) e, pelo poder da sua palavra, os doentes são curados das suas enfermidades (Mc 1,25-26).

O sacerdote é o ministro da Palavra, consagrado e enviado para anunciar o Evangelho que deve proclamar, ensinar e explicar. A propósito do ministério da Palavra, João Paulo II escreveu aos sacerdotes, dizendo que o presbítero «deve ser o primeiro “crente” na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas d’Aquele que o enviou. Desta Palavra, ele não é dono: é servo» (PDV 26). Estamos, neste sentido, perante uma afirmação de extrema importância para os ministros ordenados, ou seja, eles devem ser os primeiros não só a ler e a estudar a Palavra de Deus, mas sobretudo a escutá-la de modo a poder vivê-la antes de a comunicar aos fiéis. Caso contrário, a sua pregação é oca e ineficaz.

Falando para os presbíteros, Enzo Bianchi diz que o maior risco que eles enfrentam não é o da improvisação ou o da pouca preparação para o acto de evangelizar, mas o facto de entregar uma palavra sem poder, uma palavra sem energia, uma palavra que não toca o coração dos fiéis, mas que se desvanece imediatamente. Em suma, uma pregação que não transforma nada nem ninguém. Esta palavra, de que fala Enzo Bianchi, é a Palavra de Deus. «Sem a palavra de Deus – escreve aos presbíteros – vós não sois nada na Igreja, sem a palavra de Deus não tendes nada que dizer à Igreja, sem a palavra de Deus todo o vosso empenho não serve de nada».

Nem todas as palavras são geradoras de vida e de comunhão entre as pessoas. Para evitar o perigo de falarmos sem dizer nada de relevante, talvez fosse útil recordar o critério que os sufis, místicos muçulmanos, dão nesta matéria. Os sufis aconselham-nos a falar só depois das palavras terem passado por três portas: «Estas palavras são verdadeiras?» Se sim, passem. Na segunda porta: «São necessárias?». Na terceira porta: «São amáveis?» As palavras só devem ser proferidas após terem ultrapassado estas três portas. Só então terão força para transformar positivamente o coração das pessoas, capacitando-as para criar realidades novas e relações profundas de fraternidade, tão necessárias na vida eclesial.

Pe. José Antunes da Silva

# IDENTIDADE DO MINISTÉRIO ORDENADO

A identidade do ministério ordenado é uma das questões mais debatidas na esfera religiosa. Numa sociedade secularizada, o ministério ordenado (Diáconos, Padres e Bispos) está exposto cada vez mais a críticas fundamentadas ou fantasistas. No judaísmo, os sacerdotes eram homens ligados ao templo, oferecendo sacrifícios a Deus. Eram verdadeiros especialistas do culto, “funcionários de Deus”, no dizer de alguns críticos. Neste sentido, corria-se o risco de ficar ligado ao templo mas, na existência quotidiana, afastado de Deus que se manifesta em cada pessoa, sobretudo no pobre, no estrangeiro e na viúva. Por isso, alguns sábios e profetas denunciaram a hipocrisia religiosa, isto é, atitudes incompatíveis com o mandamento do amor. O que aconteceu na longa estrada de Jérico é um eco desta dicotomia. De facto, a parábola do bom samaritano que encontramos apenas no Evangelho de São Lucas (Lc 10, 29-37) é uma lição para os ministros ordenados.

*“Reconhece-se o monge pelo seu hábito”*

O mundo não é como era; ninguém reconhece ninguém. Não vale a pena regressar à batina. É pelo testemunho que será reconhecido o ministro ordenado. Dito de outro modo, como o afirmava o Papa João Paulo II, o homem contemporâneo acredita mais no testemunho do que nas palavras. É no mundo que se revela a identidade do ministro ordenado ( Jo 17, 4). As ameaças à identidade do ministério ordenado estão sempre presentes; ninguém escapa, ninguém está completamente vacinado, nem imunizado contra isto. Esta identidade revela-se também no saber.

Os tempos são outros e o povo é muito exigente. A este propósito, sou daqueles que pensam que ter um nível académico altamente qualificado fora do âmbito teológico, não é incompatível com o ministério ordenado.

Todavia, sou contra aqueles que se consagram exclusivamente à sua profissão esquecendo-se da sua vocação de ministro ordenado. Este não é uma profissão mas um serviço. A fidelidade a Cristo, à sua mensagem e à Igreja é o único critério da revelação e da construção da identidade do ministro ordenado neste mundo. O povo não está à espera de milagres. Ele quer ver em cada ministro ordenado alguém “habitado” por Deus e transformado por Ele. O resto é nada. É este o desafio de hoje e de amanhã.



Clément Kilabi

# Palavras do Santo Padre

FIDELIDADE DE CRISTO,  
FIDELIDADE DO SACERDOTE.



Por que motivo um Ano sacerdotal?  
Porque precisamente da recordação do Santo Cura d' Ars  
que, aparentemente, nada realizou de extraordinário?

\* O objetivo deste ANO JUBILAR é ajudar a valorizar  
cada vez mais a importância do papel e da missão do sac-  
erdote na Igreja e na sociedade contemporânea.

\* A Igreja tem necessidade de sacerdotes santos; de  
ministros que ajudem os fiéis a experimentar o amor  
misericordioso do Senhor e sejam suas testemunhas  
convictas.

\* O presbítero é servo de Cristo, no sentido em que a  
sua existência, ontologicamente configurada com Cristo,  
adquire uma índole essencialmente relacional: ele vive  
em Cristo, por Cristo e com Cristo, servindo.



Papa Bento XVI



# O SACERDÓCIO

## entre o Silêncio de Deus e a Estranheza do Mundo

**T**entar reflectir sobre aquilo que se constitui como sacerdócio é complexo dada a sua multiplicidade, tendo em conta que este conceito e tudo aquilo que acarreta está, e tem de estar, muitíssimo além de qualquer visão enciclopédica.

Compreenda-se, antes de mais, o desafio que implica uma opção pela vida sacerdotal. Nos dias que correm, fazer uma opção por Cristo, ouvir o chamamento que apela no coração de todos nós é, já de si, muito difícil. E o nosso “sim”, aquele que somos impelidos a dar, ainda que exigente, não o é tanto quanto aquele que um padre professará.

Um sacerdote propõe-se a desconstruir e reconstruir o mundo vezes a fio, tentando ser o olhar de Deus. Procura, sendo um pastor à imagem de Cristo que, sacrificando muitas vezes o seu ego, o seu individualismo, dar-se mais ao outro do que a si mesmo, com humildade e espírito de serviço.

De certo modo, e até determinado ponto, o facto é que todos somos, enquanto membros do corpo de Jesus Cristo, chamados ao sacerdócio, na medida em que, igualmente, é-nos pedido que escutemos, que sirvamos, que guiemos... que saibamos ser disponíveis e compassivos. To-

davia, todos temos as nossas limitações, limitações essas que são compreendidas e acarinhadas pelo nosso Deus, e cada um de nós possui carismas distintos que nos vocacionam para caminhos diferentes, compromissos diferentes... modos diferentes de servir.

O sacerdócio encontra-se exactamente no serviço. Encontra-se no silêncio profundo que encaminha a Cristo... Não um silêncio vazio, mas tranquilo. Repleto na sua simplicidade, que permite a sublime acção de Deus, pelas suas mãos, no auxílio de outrem.



É um desafio constante, que implicará o reconhecimento da imperfeição própria e a sua superação por amor

ao outro, a Deus, á missão. E um cansaço que não se cansa, que se revigora a si mesmo, no contacto com o próximo, na vivência da paixão, do compromisso, da entrega.

Como dizem os mais pequenos, ser sacerdote é ser, como todos nós, um amigo de Jesus, um amigo que foi chamado de uma forma especial e particular e que ousou transpor-se a si mesmo, ousou realmente escutar o silêncio e o tanto que diz.

Num mundo tão tribulado, ás vezes tão estranho aos nossos olhos, tão cheio de explicações que geram cada vez mais dúvidas, ser luz de Deus é um dom que nenhum de nós deve abdicar, e é um acto de coragem, de contestação, de mobilismo. É ser diferente, e querer mudar, querer ser e fazer melhor.

Encontro assim, a meu ver, e de um modo algo poético, no sacerdócio, o brilho que acende os brilhos de cada um de nós, na subtilidade e na simplicidade, na direcção do “brilho dos brilhos”, o nosso Pai, que enviou o Seu Filho para que nunca estejamos sozinhos, nem nunca nos sintamos como tal, já que ecoa sobre nós o Espírito Santo e as suas palavras “Estarei convosco, todos os dias, até ao final dos tempos.”

Sara Miguéns

7

# ANO SACERDOTAL

## Anunciar e Celebrar

A Igreja é formada pelos discípulos de Jesus que O anunciam, O celebram e O testemunham na acção pastoral, cada um segundo o seu carisma e vocação.

Estas notas eclesiais estão interligadas, porque dependem entre si e influenciam-se, ora iluminando pela palavra, ora animando pela liturgia, ora agindo pela pastoral.

O anúncio é um convite ao agir, que começa no interior de cada um, convertendo-o e animando-o na oração, de forma a comprometer-se numa acção para o mundo.

Este tríptico agir da Igreja nunca está completo, porque ela é acção contínua: todos os dias ouve e anuncia a palavra, reza e celebra a fé e realiza acções de salvação em todo aquele que se deixa iluminar pelo Senhor, dialoga com Ele e com Ele colabora.

O sacerdote, em razão da ordenação sacerdotal, acentua de maneira própria cada um destes aspectos segundo a orientação vigente na Igreja. Antes de anunciar, celebrar e pastorear no mundo, revive continuamente essas dimensões como qualquer baptizado, porque, se é sacerdote para os outros, também é fiel com os outros, como dizia Santo Agostinho: para vós sou bispo, convosco sou cristão.

Esta atitude deve ser uma preocupação constante do sacerdote, mantendo-o em tensão permanente, sem descansar num serviço eclesial rotineiro, como se fosse funcionário de uma instituição vivendo mais dela do que para ela.

Esta tensão exige dele uma formação permanente que o habilite naquela tríptica disposição, de forma que a palavra que

ouve e anuncia actualize as suas qualidades, a palavra que reza e celebra seja mais viva e animadora para as assembleias cristãs e estas sejam levadas a colaborar com o Senhor da seara que é grande e poucos trabalhadores tem.

Esta formação permanente pressupõe uma outra atitude no sacerdote ainda mais importante, porque fundamental: de ser cada vez mais aprendiz e seguidor do Senhor, de forma que mereça ouvir aquela afirmação: já não vos chamo servos mas amigos, porque vos dei a conhecer os mistérios do Reino.

“O anúncio é um convite ao agir, que começa no interior de cada um”

Foi esta atitude que marcou a vida daquele que inspirou na igreja a celebração do Ano sacerdotal: o Cura de Ars. Se ele é lembrado não é para os sacerdotes se contentarem na sua vocação, mas para se empenharem ainda mais na missão, segundo o apóstolo Paulo: ai de mim se não anunciar o Evangelho!

A vida de um pároco – talvez visto ou colocado como um servo da igreja abaixo de outros companheiros de sacerdócio, sobretudo se despida de títulos académicos ou eclesiásticos – assemelhar-se-á mais facilmente à vida e ao serviço do Mestre Jesus, se todo o bem que fizer for tal que a sua mão direita não saiba o que faz sua esquerda e, se houver publicidade, esta aconteça mais após a sua passagem deste mundo.

# ONDE

# MORAS?

Creio que perguntamos muitas vezes a Jesus onde Ele está, como quem pergunta a um amigo, quando tem saudades, quando não o vê há algum tempo, umas vezes com alegria, umas com preocupação e outras até com angústia. Mas é sempre uma pergunta de procura e remete-nos sempre para a relação, para o encontro que se quer ter.

A resposta de Jesus à pergunta – Onde estás? – é muito simples, concreta e pragmática, tal como é o próprio Jesus – Estou onde é preciso!

Este Jesus que se envolve com as pessoas, que as envolve em Si e procura trabalhar nas coisas do Pai, como Ele próprio diz, é alguém a quem nos habituamos a olhar e a conhecer assim.

O Jesus que nos é dado a conhecer desde crianças pelas palavras e exemplos dos nossos educadores e, que a pouco e pouco, se vai revelando a nós de forma única e pessoal, é uma pessoa que quer estar connosco, que quer andar na vida connosco, lado a lado. Na nossa linguagem, é aquele que quer estar como um amigo junto de nós. Jesus quer estar onde é preciso e nós precisamos d'Ele!

A primeira cena da vida de Jesus que me surge logo na memória a propósito desta faceta da sua personalidade, que é a de se empenhar a estar onde é preciso, passou-se no templo de Jerusalém quando Jesus era criança e ficou durante uns dias junto dos doutores da lei. Neste momento da sua vida está bem retratada a responsabilidade e convicção com que mesmo ainda pequeno já sentia “as coisas do Pai”. Gosto muito desta expressão, porque expressa a proximidade de Jesus com Deus e o amor com que Ele já se coloca ao serviço da vontade de Deus. Foi mais ou menos assim que Jesus respondeu a Maria e José, quando lhe perguntaram onde estava o que fazia: “Porque me procuravam? Não sabiam que devia estar em casa do meu Pai?” (Lc 2, 49).

É a cuidar das coisas do Reino que encontramos Jesus e que também nos devemos encontrar uns aos outros. Hoje em dia vivemos um tempo de grande activismo por inúmeras causas. Encontramos multidões de activistas por causas sociais, ecológicas, etc. Pessoas que não querem ser só meras observadoras dos acontecimentos e especialmente dos acontecimentos que não dignificam a Humanidade. É um sinal de que o exemplo de Jesus impele as pessoas a se entregarem a coisas maiores do que elas próprias. Toda esta movimentação global que se vive em torno das dificuldades da Humanidade, traz sinais de esperança a todos os homens.

Jesus é o maior activista pela construção de um mundo melhor onde o amor entre os homens impere e, é Ele que estando no meio dos homens ajudando-os e ensinando-os, conduz as suas acções e desejos para que este objectivo seja uma realidade.

Jesus está no meio dos homens de muitas formas e para sempre.

### Na Eucaristia.

- Onde estás, Jesus? - Estou na Eucaristia que vos é dada pelo sacerdote que escolhi e ordenei para essa missão.

### No nosso coração.

- Onde estás, Jesus? - Estou no vosso coração e rogo ao Pai que vos envie o Espírito Santo para que fique eternamente convosco.

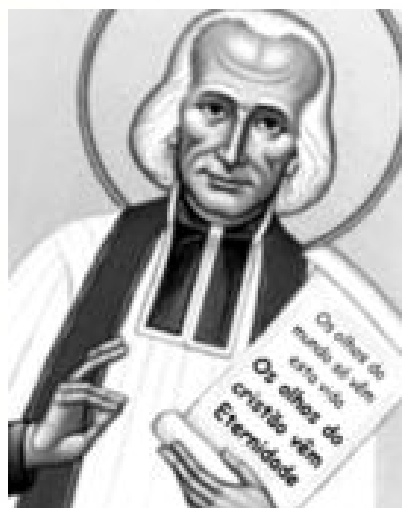
### No nosso próximo.

- Onde estás, Jesus? - Estou no vosso próximo, pois aquilo que fizerdes a um dos mais pequenos é a mim que fazeis.

E repetidamente Jesus nos diz onde está sempre! E ascende ao Pai deixando-nos estas palavras de eternidade, amor e confiança:

“E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.” (Mt 28,20)

## A MESSE É GRANDE, MAS OS OPERÁRIOS SÃO POUCOS



Somos convidados por Jesus  
a seguir o caminho perfeito.  
Ele nos guia na sua luz,  
revelando-se pelo ardor que trazemos no peito.

Ser sacerdote é estar ao serviço dos outros,  
Sem se preocupar com o tempo.  
Ser padre é partilhar o Pão que é Jesus,  
que dos homens é o alento.

O padre não cai do céu,  
nem nasce ao acaso,  
surge de muitas orações,  
nasce do meio do povo.

Ser padre é ser sal e luz,  
é sentir o peso da cruz.  
É ser filho de Deus.  
É ser irmão de Jesus.

10

Rafael Gomes

# UM ENCONTRO

**A**migos, começo por pedir desculpa por estar ausente. Esta foi a maneira mais fácil e mais eficaz que arranjei de poder estar convosco hoje... Como acho que a mensagem é transmitida na mesma, espero que me desculpem.

Venho então falar-vos do Encontro Nacional de Jovens. Resumidamente, foi um encontro de três dias em que participaram jovens de todas as localidades do país onde estão presentes os Missionários do Verbo Divino, o Grupo Diálogos e as Missionárias Servas do Espírito Santo. Como em Odivelas temos as Missionárias, a Pastoral Juvenil foi toda convidada a participar. A ideia era que os jovens ficassem acolhidos nas famílias do Prior Velho e participassem nas várias actividades ao longo dos três dias.

Tivemos algumas palestras, que depois discutimos em grupos de reflexão e partilha. Os temas andaram muito à volta da Missão, da noção de compromisso, da importância de ser jovem aliada à importância de ser Cristão...etc. No segundo dia, todas aquelas reflexões levaram a um culminar, deixámos as palavras e passámos às acções. O objectivo era fazermo-nos estrangeiros para podermos olhar a cidade com olhos diferentes: o objectivo era olhá-la como Cristo a olharia. Fomos então distribuídos por vários pontos diferentes da cidade: alguns foram para lares de idosos, outros ao encontro das crianças desfavorecidas, outros foram visitar sem-abrigo, outros para um centro de reformados, e outros, como eu, fomos para o Parque das Nações fazer evangelização de rua. Foi sem dúvida

exigente. Como levar Cristo - não a uma pessoa concreta - mas a toda a gente que aparecer?

Como nem todos fomos para os mesmos locais, este trabalho missionário tocou a todos de maneiras diferentes. Agora, passado algum tempo, creio que o real objectivo foi fazer-nos ir ao encontro do Outro. Até nas famílias em que dormimos! Estávamos todos em realidades muito diferentes: eu fui acolhida por uma senhora viúva que vivia sozinha havia oito anos, que tinha uma necessidade enorme de dar, de estar com alguém, de conversar, de se rir... e que portanto nos deu a sua própria cama, e que tinha medo de cozinhar para nós, porque podíamos não gostar... mas houveram jovens acolhidos em bairros degradados, com famílias numerosas que conseguiram arranjar um bocadinho de chão...

Portanto, amigos, foi sobretudo um apercebermo-nos do encontro que temos marcado com o outro, hoje e sempre: o outro nos pobres, o outro nos sós, no sorriso das crianças, no desconhecido apressado, a quem é tão fácil estender a mão... Fizemo-nos estrangeiros e sentimo-nos acolhidos. Acolhidos pelo próprio Cristo, que nos olhava, que nos chamava no rosto do outro.

Sorri!

Responde sempre com um sorriso, se puderes. Mesmo que estejas só a dizer que horas são. Não sabes há quanto tempo o teu interlocutor não vê um sorriso simpático... E nele, no outro, o teu sorriso pode fazer a diferença.

Margarida Campos

## Inscrição da Svd Ao Encontro

Nome

Morada

Telefone  E-mail  Código Postal

Enviar para: Svd Ao Encontro, Rua São Tomás de Aquino 15, 1600-203 Lisboa - Tel 217 220 200.

# “A IGREJA EM ÁFRICA AO SERVIÇO DA RECONCILIAÇÃO, DA JUSTIÇA E DA PAZ”

Desde o dia 4 a 25 de Outubro deste ano realizou-se, em Roma, um Sínodo que reflectiu sobre a situação do “pulmão cristão”: o continente de África.

Muitos foram os participantes que, juntamente com o Santo Padre, reflectiram sobre o passado, presente e futuro deste vasto, complexo e esperançoso continente.

No dia 5 de Novembro tivemos a honra de ouvir D. António Jaca (bispo da Diocese de Caxito, em Angola) acerca deste encontro, no qual havia participado. Das várias ideias que partilhou connosco destacam-se as seguintes:

-»“O grande apelo que se faz hoje a África é «acorda África!»”;

-»“Há uma necessidade de colegialidade efectiva e afectiva entre os cristãos, sobretudo entre aqueles de maiores responsabilidades”;

-»“Os cristãos em África são chamados a ser profetas junto dos poderes político e económico”;

-»“Acima de tudo este Sínodo foi uma fonte de Esperança para África”.

Terminou, o senhor bispo, pedindo-nos orações por este bonito continente. Assim se poderá continuar a obra do Senhor Jesus.

